

Latino-americanos vão propor plano de emergência

RIBAMAR OLIVEIRA
Enviado especial

MONTEVIDÉU — Os países do Grupo de Cartagena, reunidos nesta capital, consideraram ontem o Plano Baker, apresentado pelo Governo americano, insuficiente para resolver os problemas de endividamento da América Latina. E deverão elaborar, até amanhã, um plano de emergência a ser proposto pelas nações da região. O programa poderá reivindicar novos recursos externos que garantam o crescimento econômico das nações latino-americanas e compensem as perdas sofridas com a queda dos preços das matérias-primas que exportam.

O Ministro da Fazenda do Brasil, Dilson Funaro, disse que já existe um consenso de que a questão central "é reduzir as transferências de recursos" dos países da região para as nações desenvolvidas, através de novos créditos e financiamentos capazes de viabilizar o pagamento de suas dívidas externas sem recessão.

— Trata-se de uma reunião política para resolver problemas técnicos — comentou Funaro em relação ao encontro de Montevidéu, o quarto realizado pelo Grupo de Cartagena, desde sua criação em junho de 1984.

A reunião foi aberta ontem com um discurso marcadamente político do Presidente do Uruguai, Júlio Maria Sanguinetti. Ele afirmou que o

Grupo de Cartagena "precisa dar passos mais audazes", pois os países latino-americanos estão "numa situação de emergência", e pediu aos participantes para elaborarem um programa de ação que oriente os Presidentes dos 11 países do Grupo na renegociação da dívida.

Embora considere um passo positivo o Plano Baker — que prevê a concessão de US\$ 20 bilhões em novos créditos pelos bancos privados e mais US\$ 27 bilhões (US\$ 9 bilhões na proposta original) pelas instituições multilaterais, nos próximos três anos — Sanguinetti destacou que, a seu ver, ele é insuficiente. A grande virtude do plano "é o reconhecimento de que as medidas convencionais não são capazes de resolver o problema do endividamento", acrescentou.

O dirigente uruguai citou uma frase do Presidente José Sarney de que a dívida externa não pode ser paga com a fome dos povos da região ou com o fim da democracia no continente.

Funaro e o Chanceler Olavo Setúbal destacaram que o plano dos Estados Unidos é insuficiente porque "só se preocupa com o problema de caixa dos países devedores, esquecendo-se de questões centrais como a transferência de recursos e os prejuízos causados pela queda dos preços das matérias-primas".



O Presidente do Uruguai, Júlio Maria Sanguinetti (em pé), abre o encontro do Grupo de Cartagena sobre dívida externa em Montevidéu